

VIOLÊNCIA MARGINAL: A construção da identidade e o sentido da violência*.

André Luís ANDRÉ**
Eda GOES***

Resumo: Este texto tem como objetivo comunicar algumas das questões que temos investigado a respeito daquilo que entendemos primariamente como violência urbano—marginal, ou seja, violência utilizada pelos grupos incluídos de forma marginal na cidade de São Paulo, seja para resolver conflitos cotidianos, seja para instrumentar formas econômicas incriminadas juridicamente, com vista a otimizar sua capacidade de consumo e suas relações afetivas, mediante a elaboração de uma identidade que se constrói positivamente como marginal.

Palavras-chave: Violência; identidade; sistema de trocas simbólicas.

Resumen: Este texto tiene como el objetivo comunicar algunos de los asuntos que nosotros hemos estado investigando sobre esto que nosotros entendimos primariamente como violencia urbano-marginal, en otros términos, violencia usó por los grupos incluidos de una forma marginal en la ciudad de Sao Paulo, sea para resolver los conflictos diarios, sea para instrumentar maneras económicas incriminadas jurídicamente, con la vista perfeccionar sus capacidad de consumo y sus relaciones afectuosas, por la elaboración de una identidad que se construye positivamente como marginal.

Palabras-llave: Violencia; la identidad; el sistema de cambios simbólicos.

1. Introdução.

Qualquer esforço intelectual que tenha como finalidade entender a violência nos dias atuais exige uma série de redefinições epistemológicas. A elaboração de um novo paradigma se faz necessário (WIEVIORKIA, 1997) para entendermos a violência de forma profunda e adequada, com vista, em última instância, a sua minimização.

Procuramos compreender a violência a partir de diferentes perspectivas que relacionadas fornecem um arcabouço teórico fundamental. Assim, as diversas formas de violência podem ser entendidas, de modo geral, como tudo aquilo que fere o corpo e a psique de pessoas, grupos, classes, populações, nações e etc. (MORAIS, 1985; TAILLE, 2000); como técnica, isto é, como instrumento social através do qual determinados interesses e lógicas podem se realizar (SANTOS, 1996); como ato de um tipo específico de política organizada ou não animadora de novas práticas, discursos e ações (SOARES, 2000); e, por fim, como ação dotada de linguagem e conteúdo nem sempre evidente (BOURDIEU, 1996; PEREIRA; RONDELLI; HOLLHAMMER e HERSCHMANN, 2000; SOARES, 2003).

Isto posto, é inegável que o aumento exponencial da violência e de sua percepção, deixa a realidade em que vivemos ainda mais confusa e confusamente experimentada, de tal maneira que a cisão na totalidade e os desmembramentos abstratos dos fenômenos da realidade devem ser intensos, além de considerar elementos interiores e exteriores às pessoas (SANTOS, 1996; 2000). Neste sentido, no que se refere à análise dos fenômenos sociais na perspectiva da Geografia, a análise da topologia global dos objetos requer a análise daquilo que Hakin Bey (1999) chamou de *psicotopologia* ou aquilo que Milton Santos (1996) chamou de *psicostera*.

* Texto publicado em 2004 (n. 11 v. 2). Refere-se a um dos resultados da monografia de Bacharelado em Geografia “Vida Bandida! Maginalização, Sistema de Trocas Simbólica e identidade”, apresentada no ano de 2003, no Curso de Geografia da UNESP, FCT – Presidente Prudente, cuja proposta estamos desenvolvendo e ampliando no mestrado.

** Mestrando em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente.

*** Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente.

Como fenômeno, que se transformou em um dos principais temas da sociedade globalizada, a violência se tornou estrutural e explícita (IDEM, 2000), não obstante, cada vez menos simbólica (BOURDIEU, 1996), isto é, reconhecida e legitimada, porém, capaz de produzir uma sensação na qual a violência, e o medo que ela inspira, é quase um estado permanente. No entanto, violências de diferentes tipologias podem ser mais ou menos legitimadas ou repudiadas de acordo com sua natureza, quem são os seus protagonistas e vítimas, qual a força, poder ou potência econômica, política, técnico-científica, temporal e espacial dos que agredem e daqueles que são agredidos.

Pode-se reconhecer ou repudiar diferentes tipologias de violência de acordo com a posição que se ocupa no espaço geográfico, sistema indivisível onde se disputa ou se esvazia poder, se sente e se torna sensível. É neste sentido que equivocadamente Yves Michaud (1998, p.7) define a violência como: “uso da força a margem da legitimidade ou da ilegitimidade desta força”. Primeiro porque as formas de violência institucionalizadas são aquelas que invariavelmente são necessárias para se manter uma determinada ordem dos objetos e de suas respectivas funções, das pessoas e dos seus respectivos papéis; segundo, por mais legítima que possa parecer a violência, isso não a torna menos dolorida no corpo e na psique daquele ou daqueles que a sofrem.

Contudo, não há forma de violência alguma que não seja relativa e internamente coerente, que não tenha sua lógica, seu metabolismo, sua racionalidade e seu conteúdo. Por mais ilógica ou irracional que possa parecer, a violência é sempre um fenômeno racionalizado, seja para o exercício do poder, seja para que se viva ou sobreviva apesar do poder ou dos poderes, seja cuidadosamente calculado por tecnocratas de um Estado beligerante ou de megaempresas, para em um caso extremo deflagrar uma guerra, seja difusa e instintivamente racionalizada por um jovem de um subúrbio qualquer de um país periférico, em uma tentativa quase sempre suicida de sobreviver.

Do ladrão de bancos da periferia da metrópole paulistana, passando pelo traficante varejista dos morros cariocas ou mesmo pelo “homem bomba” palestino, até chegar, não obstante, a uma declaração de guerra ou uma intervenção militar de um Estado contra outro, não há violência desprovida de lógica, por mais absurda que ela venha a ser. Sendo assim, Bourdieu (1996, p.138) nos diz o seguinte:

os agentes sociais não agem de maneira disparatada, [...] eles não são loucos, [...] eles não fazem coisas sem sentido. [...] há uma razão para os agentes fazerem o que fazem, [...] razão que se deve descobrir para transformar uma série de condutas aparentemente incoerentes, [...] em uma série coerente, em algo que se possa compreender a partir de [...] um conjunto coerente de princípios.

Isto não implica uma justificação ou legitimação de qualquer ação agressiva, já que em si a violência é sempre causa de sofrimento, dor, degradação, limitação e constrangimento, negação da civilidade, do desenvolvimento pessoal e social, da autonomia e da liberdade.

Entretanto, a descrição, análise, explicação e interpretação de qualquer forma de violência exigem esforços de compreensão de seu conteúdo e significado, natureza e finalidade. Nesta perspectiva, as diversas formas de violência podem ser avaliadas primariamente como *violência do poder* e *violência não-normal* (TOSTOI, 1981). A primeira utilizada para produzir, reproduzir e ampliar poder de pessoas, famílias, grupos, classes, empresas, governos e Estados; violência quase homogênea, potencialmente globalizada, situada no espaço de fluxos, onde o tempo é unificador - atemporal (CASTELLS, 2000), violência vertical aos lugares, geralmente comandada por uma ordem distante (LEFEBVRE, 1991) e consagrada pelos sistemas normativos, sejam as leis, os costumes e/ou as tradições. A violência não-normal, por sua vez, é utilizada como reação ao exercício do poder; violência globalizada, mas não organizada globalmente, extremamente heterogênea, horizontal aos lugares, situada no espaço dos lugares, onde cada vez mais prevalece um tempo sem tempo, isto é, urgente, carregada de elementos pertencentes à ordem próxima, geralmente condenada pelos sistemas normativos, negativizada pela tradição e os costumes e incriminada pelas leis.

Tendo isto como premissa, é mister apresentar algumas das nossas reflexões a respeito daquilo que temos entendido como *violência urbano-marginal* ou somente *violência marginal*, tipologia de violência não-normal, que tanto esgarça a sociabilidade urbana em suas relações com as violências dos poderes exercidos no espaço urbano, transformando a cidade — “... berço em que o homem (os seres humanos) se civiliza e civilizar é sinônimo de politizar, de transformar a ‘massa’ em corpo político deliberativo, racional e ético [...] [em que] os cidadãos formam-se a si mesmos (BOOKCHIN, 1999, p.

16) — em uma não cidade, isto é, um lugar de negação da civilidade e da liberdade, lugar de afirmação dos poderes e da violência em estado cada vez mais puro (SANTOS, 2000), onde a força ideológica se submete à ideologia da força.

O marginal não tem conotação negativa alguma, significa elaborar uma identidade a partir da vivência permanente em um estado de inclusão marginal no espaço urbano (MARTINS, 1997), ou seja, segregado na paisagem urbana e informalmente proibido de utilizar e acessar ou sub-utilizando e acessando de forma residual os recursos que a cidade concentra; possibilitando que um sentimento de marginalidade seja elemento constitutivo de uma cultura suburbana positiva auto-entendida como marginal (TAILLE, 2000), criando referências, símbolos, papéis e funções, redefinindo valores e estigmas, dando positividade e densidade ao que venha a ser marginal, suas práticas e seus discursos, construindo uma identidade que não é outra coisa senão defensiva (CASTELLS, 2000), racionalizando a violência como instrumento técnico e normativo de circuitos econômicos criminalizados, bem como instrumento político para situações nas quais não há campos de negociação, ou mesmo, onde consensos mínimos se tornam quase impossíveis (ANDI, 2001); afirmando a violência como mensagem corrente das sociedades contemporâneas, em um momento de crise global e de transição da “dialética da malandragem” para a “dialética da marginalidade” (ROCHA, 2004).

Nesta perspectiva, a investigação a respeito da violência marginal nos força a intercalar diferentes níveis de análise: primeiro, as transformações globais do sistema social que tangenciam a economia, a política, a comunicação, a técnica e a ciência, a religiosidade, o tempo e o espaço; segundo, a formação da identidade dos grupos subalternos da cidade de São Paulo diante deste processo de transformações estruturais; e, por último, a coerência da ação violenta e suas relações com tais mudanças e tal identidade daí decorrente. Aqui vamos nos ater de forma breve à identidade marginal e a lógica da ação violenta, nos atendo à metrópole paulistana — São Paulo — como universo empírico e utilizando o RAP⁹⁹ como subsídio (ROCHA; DOMENICH e CASSEANO, 2001), gênero musical utilizado pelos grupos subalternos da metrópole para veicular, expressar e criar suas representações da sociedade, do cotidiano e da vida.

2. Identidade marginal, identidade bandida!

A ação e as construções identitárias que a sustentam devem ser compreendidas como síntese, posição e negação, causa e efeito da convergência de elementos comandados na escala global e elaborados na escala local, onde o corpo — espaço da dor e do prazer (SMITH, 2000) — dispõe de uma centralidade às vezes negligenciada. Sendo assim, o processo de formação de qualquer identidade — “fonte de significado e experiência” (CASTELLS, 2000, p.22), diferenciação, entendimento e auto-entendimento, esconde disputas sutis entre variadas formas de apreender as condições objetivas nas quais tal identidade se assenta. Há na composição da identidade disputas que não se percebe: disputas de *habitus* (BOURDIEU, 1996), disputas de escolhas, disputas de ações, disputas discursivas, disputas estéticas e disputas de linguagens, de tal maneira que a identidade que se sobressai reivindica, mesmo sem o fazer, o monopólio da representação de determinado modo de vida, hegemonizando outras identidades, *habitus*, escolhas, visões do cotidiano e da vida, ações, estéticas, discursos e linguagens. Assim, a identidade é tanto objeto de disputas e concorrências endógenas, capaz de desencadear conflitos intragrupos quanto elemento que pode desencadear conflitos intensos entre diferentes grupos sociais e identitários.

A identidade marginal se constitui naquilo que Castells (2000, p.24) chamou de:

...identidade de resistência — criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheira de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos.

⁹⁹ Na condução desta pesquisa utilizamos inicialmente 15 músicas, de diferentes álbuns do grupo de RAP: Racionais MC's.

A concorrência de identidades marginais produziu uma personificação universal — *Mano* –, um personagem comum, elo de ligação das diferentes identidades e papéis internos aos grupos subalternos da cidade, um personagem que vai comportar todos os outros — *trabalhador, bandido, sofredor, guerreiro* –, mas que em determinadas circunstâncias também vai se submeter a eles. Sendo identidade primária e última, alicerça e comporta diferentes comportamentos, sem cindir o reconhecimento e o pertencimento; embora estes sejam instáveis devido às condições de marginalidade¹⁰⁰.

A identidade marginal, em todas suas personificações, vai contar com os seguintes elementos constitutivos: a questão étnica, territorial, a re-significação e o re-ordenamento de valores, solidariedade e rivalidades internas, a oposição ao Estado, particularmente à polícia e ao sistema penitenciário, e aos grupos entendidos como integrados à sociedade; não obstante, há a percepção de uma violência do poder que ao ser instituída tende a se naturalizar, bem como a colocação da figura materna no centro da construção familiar, embora seja esta uma identidade sexista; por fim, ocorre a construção de uma religiosidade compatível com as definições que esta identidade tem construído, isto é, há um processo de marginalização dos ícones religiosos, a imagem e semelhança dos marginais que a constroem.

Castells (IBIDEM. p.76), ao investigar a construção de uma identidade negra nos Estados Unidos, nos ajuda a compreender alguns elementos dessa identidade marginal paulistana, até porque esta última é em vários aspectos verticalizada por aquela. Ele diz o seguinte:

... os guetos do final do milênio vêm desenvolvendo uma nova cultura, composta de aflições, raiva e reação individual contra a exclusão coletiva, em que a negritude importa menos que as situações de exclusão que geram novas formas de vínculos, por exemplo, gangues territoriais, nascidas nas ruas e consolidadas pelo entra-e-sai das prisões. O rap, e não o jazz, é produto dessa nova cultura, que também expressa uma identidade, também está fundada na história negra e na longa tradição [...] de racismo e opressão social, no entanto incorpora novos elementos: a polícia e o sistema penal como instituições centrais, a economia do crime como chão da fábrica, as escolas como área de conflito, as igrejas como redutos de conciliação, famílias madrecênticas, ambientes depauperados, organização social baseada em gangues, uso da violência como meio de vida.

Esta leitura poder ser feita também para a identidade que vai se fazer na periferia da metrópole paulistana, todavia, onde ele escreve jazz podemos escrever samba.

Assim, neste processo de identificação o corpo vai ser eleito como o lócus das significações e cumprirá a função de distinguir socialmente os grupos marginais dos demais grupos. Como a formação de uma identidade capaz de representar parcelas de gentes, cujas existências são em grande medida semelhantes, uma *identidade universal* ou *básica* se encarregará de produzir as ligações intersubjetivas, ao passo que vários *personagens adjetivos* serão criados para dar conta da heterogeneidade interna.

A identidade primária e universal *Mano* é completada pelas seguintes *identidades adjetivas*: *sofedor, sobrevivente, leão, guerreiro, sangue-bom, negro ou nego, preto, vagabundo, ladrão e bandido*. Além destas existem *identidades adjetivas* para diferenciar moralmente e negativamente os indivíduos internamente: *verme, bico, zé povinho e guincho*.

O *mano* pode ser um trabalhador, um ladrão, um traficante: pode ou não ter os mesmos gostos e rotinas: pode ser negro, branco ou mestiço; o importante é que ele seja um marginal, para ser reconhecido como tal. Marginal do sistema econômico, do sistema político, do sistema técnico-científico-informacional, marginal da e na cidade. Um elemento importante é esta oposição e desconfiança em relação às instituições do Estado, principalmente aquelas encarregadas das funções de coerção e repressão – as polícias e o sistema jurídico-penal, principalmente; há também uma oposição aos grupos relativamente incluídos, cuja representação foi ancorada em torno de um personagem denominado *playboy*. O *playboy* é entendido como alguém que transita e tem domínio da esfera pública e da esfera estatal, além do mercado, ele pode ser tanto um político quanto um empresário, um profissional liberal, um funcionário do Estado ou de empresas privadas. No limite, o *playboy* é alguém que de alguma

¹⁰⁰ No início dos anos 1990 havia uma música do grupo de rap da zona sul de São Paulo - Comando DMC -, que dizia que trabalhadores e bandidos deveriam formar uma aliança para combater o preconceito racial e social e a desigualdade. A letra dizia mais ou menos o seguinte: "...trabalhadores, bandidos todos serão aceitos no esquadrão guerrilheiro em defesa do povo preto, não podemos admitir, nem querer acordo, com essa raça de filhos da puta que querem nos ver mortos. Se eles podem agredir nós também podemos, eles tem músculos e armas, e nos também temos (...). Não somos anti-brancos, mas sim anti-racismo, se você é preto não fique parado, pegue seu oitão (revolver calibre 38) deixe carregado, se algum deles te atacar contra-ataque sem medo, puxe, aponte e aperte, manda pro inferno..."

maneira se beneficia da forma pela qual o sistema social se organiza. Esta organização é nomeada de *sistema*.

Em seguida, apresentamos trechos das músicas selecionadas que ilustram bem este conjunto de significações:

... Racistas otários [polícia] nos deixem em paz, pois as famílias pobres não
agüentam mais.
Pois todos sabem e eles temem, a indiferença por gente carente que se tem.
E eles vêm, com toda autoridade e preconceito eterno e de repente o nosso espaço se transforma num verdadeiro infbrno e
reclamar direitos de que forma.
Se somos meros cidadãos e eles o sistema e a nossa desinformação é o maior
Problema
Mas mesmo assim enfim queremos ser iguais
Racistas otários nos deixem em paz.
(...) Justiça, em nome disso, eles são pagos, mas a noção que se tem é limitada e eu sei
que a lei é implacável com os oprimidos, tornam bandidos os que eram pessoas de bem.
(...) Então a velha história outra vez se repete, por um sistema falido, como
marionetes nós somos movidos e há muito tempo tem sido assim. Nos empurram á incerteza e ao crime entim.
Porque aí certamente estão se preparando, com carros e armas nos esperando e os
poderosos bem seguros observando, o rotineiro holocausto urbano...
(...) Os poderosos são covardes desleais, espancam nosso povo nas ruas por
motivos banais...
(RACISTAS OTÁRIOS)¹⁰¹

Se dit que moleque de rua rouba, o governo, a polícia no Brasil quem não rouba?
Ele só não têm diploma pra roubar. Ele não se esconde atrás de uma farda suja. É
tudo uma questão de reflexão irmão, é uma questão de pensar
Há, a Polícia sempre dá o mal exemplo, lava minha rua de sangue, leva o ódio pra
dentro, pra dentro, de cada canto da cidade, pra cima dos quatro extremos da
simplicidade, a minha liberdade foi roubada, minha dignidade violentada, que
nada.
(MÁGICO DE ÓZ)

...Se o barato é louco e o processo é lento.
No momento deixa eu caminhar contra o vento.
O que adianta eu ser durão e o coração ser vulnerável
O vento não, ele é suave, mas é frio e implacável.
É quente!
Borrou a letra triste do poeta.
Correu no rosto pardo do profeta.
Verme sai da reta, a lágrima de um homem vai cair.
Este é seu B.O. pra eternidade.
Diz que homem não chora. Tá bom! Falou.
Não vai pra grupo irmão.
Aí! Jesus chorou...
Porra vagabundo, vou te falar, tô chapando.
Eta mundo bom de acabar.
O que fazer quando a fortaleza tremeu e quase tudo ao se redor, melhor, se
corrompeu.
Epa! Pera lá! Muita calma ladrão, cadê o espírito imortal do Capão.
Lava o rosto nas águas, sagrada família.
Nada como um dia após o outro dia...
(...) Só de pensar em matar, já mato, prefiro ouvir o pastor.
(...) Molha a medalha de um vencedor, chora agora, ri depois...
Aí! Jesus chorou.
(JESUS CHOROU)

Tô ouvindo alguém gritar me nome parece um mano meu, é voz de homem.
Eu não consigo ver quem me chama, é tipo a voz do Guina. Não, não, não, o Guina
tá em cana.

¹⁰¹ Nome da música.

Será? Ouvi dizer que morreu, sei lá! Última vez que eu o vi, eu lembro até que eu não quis ir, ele foi. Parceria forte aqui era nós dois. Louco, louco, louco e como era, cheirava pra caralho, vixe, sem miséria.
 Todo ponta firme. Meu professor no crime, também no sangue frio, não dava boi prá ninguém.
 Puta aquele mano era foda. Só moto nervosa, só mina da hora, só roupa da moda.
 Deu uma par de blusa pra mim, naquela fita na butique do Itaim.
 Mas sem essa de sermão, mano, eu também quero ser assim. Vida de ladrão, não é tão ruim. Pensei, entrei no outro assalto pulei, pronto, aí o Guina deu mó ponto.
 Pela primeira vez vi o sistema aos meus pés.
 Apavorei, desempenho nota dez. Dinheiro na mão, o cofre já tava aberto.
 O segurança tentou ser mais esperto.
 Foi defender o patrimônio do playboy, não vai dar mais pra ser super-herói.
 Se o seguro vai cobrir foda-se, e daí...
 (TO OUVINDO ALGUÉM ME CHAMAR)

No último trecho citado, o personagem da música se refere a um assalto, como momento em que o *sistema* foi domesticado e submetido. Neste caso, a violência marginal cumpre uma função simbólica de inversão da relação de domínio e de construção da visibilidade, uma quebra temporária de um anonimato mórbido, é quando a violência marginal supera, ao menos de forma circunstancial, a violência do poder. Nota-se que o patrimônio a ser violado não é qualquer um, é o patrimônio de alguém compreendido como oposto, como participante beneficiado e indutor de um sistema de divisão social. Quando o patrimônio a ser violado for dos grupos centrais, ou seja, dos grupos que centralizam os benefícios produzidos pelo sistema social, não obstante, que se encontram nas melhores localizações da cidade, tanto a violência empregada como transgressão da norma que protege o patrimônio serão encaradas, cada vez mais, sem o peso negativo de tempos atrás. Este é um dos fatores que vai dar ao personagem do ladrão um grau de relativização e reconhecimento maior que do traficante, na medida que este último é entendido como alguém que usa e vicia sua própria gente.

Assim, gradativamente o ladrão vai ter sua negatividade sendo transformada em positividade, a tal ponto de ladrão virar conceito positivo e um adjetivo carinhoso, assim como vagabundo e bandido. Estes adjetivos têm sua negatividade dilacerada e passam, ao contrário de outrora, a designar positividade e orgulho. Primeiro, em razão da posição ótima no sistema de trocas simbólico-materiais, de que trataremos mais adiante, e, segundo, em razão do enfrentamento com os grupos centrais da cidade e com as forças policiais.

A seguir trechos de diferentes músicas que apontam para este processo de redefinição de valores e de constituição de identidades:

Você está nas ruas de São Paulo, onde vagabundo guarda o sentimento na sola do pé.
 Não é pessimismo não, é assim que é, vivão e vivendo. Querreiro tira chifra, é o doce veneno.
 (...) Hei pé de black, vai pensando que tá bom, todo mundo vai ouvir, todo mundo vai saber.
 Tem que ser vagabundo, tem que ser vagabundo, tem que ser.. -
 (VIVÃO E VIVENDO)

... Hoje eu sou ladrão, artigo 157, as cachorras me amam, os playboys se derretem.
 Hoje eu sou ladrão, artigo 157, a polícia paga um pau, sou herói, dos pivetes.
 Nego, São Paulo é selva, e eu conheço a fauna.
 Muita calma ladrão, muita calma, eu vejo os ganso desce, e as cachorras subir...
 (EU SOU 157)

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar! Eu tô em cima, eu tô a fim, um dois pra atirar!
 Eu sou bem pior do que você tá vendo, preto aqui não tem dó, é cem por cento veneno!
 A primeira faz “bum!”, a segunda faz “tá!”. Eu tenho uma missão e não vou parar!
 Meu estilo é pesado e faz tremer o chão! Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição!
 Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além!
 Se tem disposição pro mal e pro bem! Talvez eu seja um sádico ou um anjo, um mágico ou juiz, ou réu, um bandido do céu! Malandro ou otário, quase sanguinário!

franco atirador se for necessário! Revolucionário ou insano, ou marginal!
Antigo e moderno, imortal! Fronteira do céu com o inferno! Astral imprevisível,
como um ataque cardíaco do verso! Violentamente pacífico! Verdíco!
... Vim pra sabotar seu raciocínio e pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo!
Pra mim ainda é pouco, dá cachorro louco! Número um guia terrorista da
periferia!
Uni-duni-tê, que eu tenho pra você, o rap venenoso ou uma rajada de PT...
(CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 3)

3. Sistema de trocas simbólicas: o sentido da ação.

Pierre Bourdieu (1996), ao falar de trocas simbólicas, chamou-as de *economia dos bens simbólicos* ou *economia das coisas sem preço*. O sistema de trocas simbólicas é como um jogo, um jogo social, cujos participantes se prendem de tal forma que, presos ao jogo, acreditam quase que incondicionalmente que vale a pena jogá-lo, reconhecem o jogo, seus objetivos e alvos, perseguem o jogo, ou melhor, a vitória no jogo, como objetivo primário da própria existência. O futuro deixa de ser um projeto e passa a ser a própria vivência do presente no jogo. As ações não são totalmente calculadas e projetivas, elas vão se inscrever nos instantes do jogo social quase como ações naturais, óbvias, evidentes e certas.

No que tange aos grupos marginais, a marginalidade impede a variedade de sistemas simbólicos, privados dos recursos sociais e de escolhas variadas de desenvolvimento as ações, idéias, condutas e comportamentos tendem a convergir para um único jogo. O que é preocupante, por este jogo relativizar uma sociabilidade na qual o crime e a violência desempenham um papel importante.

Frente a este problema, é relevante utilizar o conceito de *illusio* ou investimento, trabalhado pelo próprio Bourdieu (IBIDEM, p. 139-140):

Se (...) você tiver o espírito estruturado de acordo com as estruturas do mundo no qual você está jogando, tudo lhe parecerá evidente e a própria questão de saber se o jogo vale a pena não é nem colocada. Dito de outro modo, os jogos sociais são jogos que se fazem esquecer, como é a *illusio* é essa relação encantada com um jogo que é produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social [e geográfico]. (...) a *illusio* [ou *investimento*] é estar envolvido, é investir nos alvos que existem em certo jogo, por efeito de concorrência, e que apenas existe para as pessoas que, presas ao jogo, e tendo as disposições para reconhecer os alvos que ai estão em jogo, estão prontas a morrer pelos alvos que inversamente, parecem desprovidos de interesse do ponto de vista daquele que não está preso a este jogo... inversamente, parecem desprovidos de interesse do ponto de vista daquele que não está preso a este jogo...

Neste sentido, os grupos marginais criaram cotidianamente um *sistema de trocas simbólico-materiais*, nos quais os elementos a serem trocados são de um lado valores abstratos – poder, prestígio, reconhecimento, status etc. – atados ao corpo de determinadas mercadorias – carros, motos, jóias, roupas etc. – que configuram uma espécie de *capital simbólico-estético-material* e, ao mesmo tempo, um potencial afetivo, sensual e sexual, que também vai se configurar num *capital simbólico-estético*, objetivado no corpo, na estética do corpo.

Neste sistema, aos gêneros – masculino e feminino – cabem funções quase que determinadas, ao masculino cabe acumular *capital simbólico-estético-material*, através do consumo de mercadorias e usá-lo na troca pelo potencial afetivo, sensual e sexual feminino. Ao feminino, cabe trocar seu potencial afetivo, sensual e sexual, expresso na estética do corpo, pelo *capital simbólico-estético-material* associado ao consumo e ao uso de determinadas mercadorias reconhecidas como portadoras e símbolos de valores abstratos. Talvez isto explique, em certa medida, o maior envolvimento dos homens com o crime e a violência se comparado ao envolvimento das mulheres.

A passagem a seguir evidencia alguns destes elementos:

Quem não quer brilhar, quem não mostra quem ninguém quer ser coadjuvante
de ninguém.
Quantos caras bom no auge se afundaram, por fama, e tá
tirando dez de havaiana.

E quem não quer chegar de Honda preto em
 banco de couro, e ter a caminhada escrita em letra de ouro.
 A mulher mais linda, sensual e atraente, a pele cor da noite, lisa e reluzente.
 Andar com quem é mais leal e verdadeiro, na vida ou na morte o mais nobre
 guerreiro.
 O riso da criança mais triste e carente, ouro, diamante, relógio e corrente.
 Ver minha coroa onde eu sempre quis por, de turbante, chofer, uma madame nagô.
 Sofrer pra que mais se o mundo jaz do maligno, morrer como homem e ter
 um velório digno.
 Eu nunca tive bicicleta ou video-gsme, agora eu quem o mundo igual cidadão
 Kane...
 (DA PONTE PRÁ CÁ)

Elementos importantes de serem destacados a partir da passagem acima são as relações fetichizadas entre reconhecimento social e acúmulo de objetos. Quanto mais mercadoria se acumula, mais se acumula *capital simbólico-estético* e, logo, se superdimensionam as possibilidades de relações afetivas, sensuais e sexuais. Neste sentido, quanto mais consumidor, mais se acumula *capital simbólico-estético* que garanta status, poder, prestígio, reconhecimento e relações afetivas.

Assim, diferentes valores abstratos ganham corpo em objetos de consumo, o que vai dar ao consumidor maiores e melhores, segundo tal lógica, relações afetivas, sensuais e sexuais. As novas estratégias de produção de mercadorias, cuja publicidade é essencial para se produzir a disposição da necessidade, isto é, o consumidor, intervem diretamente nas formas de apreensão das mercadorias e do consumo, produzindo um *hiperhedonismo*, que se satisfaz a partir do ato de aquisição, acúmulo e uso público de determinados objetos. O que vai incidir diretamente na *auto-estima*, amplificando de forma concreta e imaginária a beleza da estética pessoal, funcionando como instrumento de atração, reconhecido e coisificado em objetos de consumo.

As mercadorias vão trazer consigo um *valor estético* embutido, principalmente, via mecanismos publicitários. Ao serem consumidas, reproduziram o *capital econômico* preso a elas, não obstante, farão o consumidor acumular *capital estético* de feições, sobretudo, não-materiais, mas que exercem funções práticas e imediatas. Ao acumular mercadorias, se acumulará prestígio, poder, status, reconhecimento e, entre outras coisas, valorização pessoal, uma espécie de fama e visibilidade que, ao menos no interior das comunidades, no lugar de reprodução social – o bairro - quebrará a morbidez do anonimato, da insignificância e da indiferença. A acumulação material se equivalerá a uma acumulação simbólica, da qual dependem a auto-estima, o reconhecimento, formas de poder, prestígios, status, afirmação pessoal e as relações afetivas.

As modificações do sistema social, que impôs maiores dificuldades ao trabalho e ao trabalhador, precarizando diversas formas de realização do trabalho, não obstante, impôs à produção de bens e serviços o uso extensivo da publicidade e da propaganda, como fatores de produção, essenciais à circulação e a agregação de valor; diminuiu nas apreensões da realidade das *populações urbano-marginais* de São Paulo, o *capital simbólico* associado ao trabalho e aumentaram o *capital simbólico* associado ao consumo. Há, não somente entre as populações marginais, um processo de supervalorização do consumo e do consumidor e uma superdesvalorização do trabalho e do trabalhador.

O ponto crítico deste processo é que as condições reais de consumo destas populações em uma situação de marginalidade e daquelas que estão passando pelo processo de marginalização são extremamente restritas e residuais. As condições e os ganhos do trabalho das populações marginais limitam as suas possibilidades de consumo, assim, seu *capital simbólico-estético* padece de atrofiação, de tal maneira que o crime serve como um meio de otimizar relativamente as condições de consumo e do consumidor, o que vai garantir aos indivíduos envolvidos em práticas legisladas como crimes maior *capital simbólico* e *estético* em relação ao trabalhador, portanto, melhores condições de consumo.

Em outras palavras, traficantes e ladrões, por exemplo, no interior dos grupos marginais, vão centralizar *capital simbólico-estético* em razão das suas condições de consumo se mostrarem melhores que as condições de consumo dos trabalhadores, dos subtrabalhadores e dos desempregados. Portanto, o crime possibilita a compra de mercadorias essenciais e mercadorias que coisificam valores abstratos. Viver ou tentar viver do trabalho significa situar-se em posição inferior dentro deste *sistema de trocas simbólico-*

materiais. Assim, paulatinamente o crime e a violência, bem como os indivíduos envolvidos em práticas criminosas, vão revertendo a negatividade que sempre lhes foram atribuídas.

As passagens a seguir são reveladoras, neste sentido:

Eu sei como é que é, é foda parceiro, é a maldade na cabeça o tia inteiro.
Nada de roupa, nada de carro, sem emprego, não tem ibope, não tem rolê sem dinheiro.
Sendo assim, sem chance, sem mulher, você sabe muito bem o que ela quer. Encontre uma de caráter se você puder!
É embaçado ou não é?
Ninguém é mais que ninguém, absolutamente! Aqui quem fala é mais um sobrevivente...
(FORMULA MÁGICA DA PAZ)

... Imagina nós de Andí ou de Citroen, indo aqui, indo ali, só pam, de vai e vem.
(...) Firmeza! Não é questão de luxo, não é questão de cor, questão que fartura, alega o sofredor.
Não é questão de presa, nem cor, a idéia é essa.
Miséria traz tristeza, e vice-versa.
Inconscientemente, vem na minha mente inteira, uma loja de tênis, o olhar do
parceiro, feliz de poder comprar, o azul, o vermelho, o balcã, o esteiro, o estoque, o modelo.
Não importa, dinheiro é truta, e abre as porta...
(V. L. PARTE II)

Na segunda a Patrícia, terça a Marcela, quarta a Raissa. Quinta a Daniela, sexta a Elisangela, sábado a Rosangela, domingo, a
matinê4, 16 o nome é Angela.
Tenho a lista com as características e os nomes.
— Qual é a fonte parceiro?
— Isso não é segredo. Colo de moto, lá ligado, tenho dinheiro.
As cachorras fica tudo ouriçada quando chego, ponho pânico, peço champanhe no gelo
(...) Fico ali olhando, sentado, filmando, elas fazem de tudo pra chamar sua atenção, passa, taca na cara, na pretensão...
(ESTILO CACHORRO)

Nota-se que há na primeira passagem uma relação em cadeia entre a falta de dinheiro, de objetos de consumo, de trabalho e de mulher. Na segunda passagem há, por sua vez, a valorização da condição de consumidor e a valorização do uso público da mercadoria, no caso carros de empresas multinacionais. É impressionante como as marcas do capital globalizado intervêm de forma constante na alimentação deste sistema de trocas, cujas melhores condições de sustentação estão ligadas às atividades que envolvam o crime e a violência.

É mister observar que, embora haja uma associação direta entre mercadoria, valores abstratos: status, poder, prestígio etc., e potencial afetivo-sensual-sexual, há uma recusa da lógica do preço e do cálculo estritamente racional, o que impede que este sistema de trocas particular seja reduzido à economia das trocas econômicas, e a troca, em si, seja definitivamente encarada como prostituição. É necessário que a troca seja mistificada, de forma que sua explicitação seja sempre ambígua. “Dizer do que se trata, declarar a verdade da troca ou como dizemos, à vezes, ‘quanto custou’, [...] é anular a troca” (BOURDIEU, 1996, p.168). Essa é uma relação que não pode se introduzir um preço, mesmo que ele exista implicitamente ou esteja explícito.

A verdade objetiva da troca exige um esforço de construção dissimulatória para impedir que a verdade sobre aquilo que se troca venha à tona. Uma *alquimia simbólica*, como disse Bourdieu (IBIDEM), que faz com que haja um *duplipensar* (ORWELL, 1984) sobre *o sistema de trocas simbólico-materiais* capaz de ao mesmo tempo ser apreendida como uma troca de algo por algo, tangível e factível, isto é, de uma forma extrema, troca de objetos de consumo, de um lado, pelo corpo, de outro, exigindo assim o cálculo racional, o preço e a explicitação; ela também não é apreendida totalmente como tal, de maneira que a troca não é apreendida como troca, por isto, não tem preço ou cálculo, e, assim, não tem que ser explicada, por que não existe.

Interesse e desinteresse convivem na mesma atitude, porém. ambos os lados se mostram desinteressados em relação à troca, associando o interesse com o outro lado. Assim, vai se produzindo uma conotação negativa principalmente da mulher interessada, sem se produzir a mesma representação do homem interessado, seja ele bandido ou trabalhador, vai prevalecer a representação de desinteresse,

enquanto em relação à mulher, a representação a priori vai ser sempre de interessada, de tal maneira que a representação positiva de mulher, será da mulher desinteressada pela troca, embora isto não implique em uma disputa menos acirrada por *capita- simbólico-estético* do gênero masculino.

Dito isto, é importante notar que a violência para os grupos subalternos da cidade, particularmente os mais jovens, cumpri uma função central de possibilitar uma otimização do consumo e das relações afetivas e sexuais, produzindo uma nova forma de pertencimento, o que intercala um metabolismo próximo com um metabolismo distante e ao mesmo tempo fornece um sentido e uma finalidade para a violência, de modo a produzir sua positivização, juntamente com a positivização do crime, e a construção de uma identidade que anime esta lógica, uma identidade marginal, extremamente densa, que comportará,, por que não, uma identidade bandida!

4. Referências bibliográficas.

- ANDI. **Balas Perdidas**: Um olhar sobre o comportamento da imprensa brasileira quando a criança e o adolescente estão na pauta da violência. Brasília, DF. 2001.
- BOOKCHIN, Murray. **Municipalismo Libertário**. São Paulo: Editora Imaginário, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação social. Campinas: Papyrus, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 2ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à Cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- MICHAUD, Yves. **La violência**. Madri: Acento Editorial, 1998.
- MORAIS, Régis. **O que é violência?** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.
- PEREIRA, C. A M.; RONDELLI, E; SCHOLLHAMMER, K. M; HERSCHMANN, M. (orgs) **Linguagens da Violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella e CASSEANO, Patrícia. **HIP HOP: A periferia Grita**. São Paulo, SP: Perseu Abramo, 2001.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica, e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, A. A (org). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- SOARES, Luís Eduardo. Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência. In: PEREIRA, C. A M.; RONDELLI, E; SCHOLLHAMMER, K. M; HERSCHMANN, M. (orgs) **Linguagens da Violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.23-46.
- _____. Novas políticas de segurança pública. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo. v.17, n.43, janeiro/abril, 2003, p.75-96.
- TAILLE, Yves de La. Violência: Falta de limites ou valor? Uma análise psicológica. In: In: ABRAMO, H. W; FREITAS, M. F. e SPOSITO, M. P. (Orgs). **Juventude em Debate**. São Paulo: Cortez – Ação Educativa, 2000, p.110-134.
- TOSTOI, Leon. A violência das Leis. In: WOODCOCK, G (org). **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L & PM, 1981, p.106-7.
- WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. **Tempo Social**. Revista de Sociologia. São Paulo, v. 9. n 1 p 5-42m maio 1997.